

A F A M

Divisão Sul-Americana - 3º trimestre 2012



ORAÇÃO

Ela pediu um
"sonho" para Deus

DESAFIO

Como permanecer
no Senhor

PERDAS

Aprenda a lidar com elas





Índice

3 Editorial

4 Mensagem – A mulher que me deste...

6 Para crianças – Uma história real

7 Testemunhando – “Senhor, dá-me um sonho”

8 Minha jornada – Escolhida para servir

10 Cuidando da sua saúde – A mais dolorosa das perdas

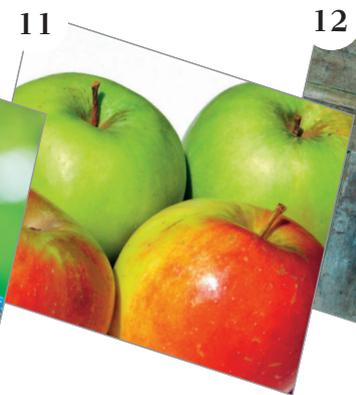
11 Nutrição – Salada de Fusilli à Florentina e
Bocadinhos de Maçã

12 Nossos dias – Ajudando crianças a enfrentar a morte

14 Vida familiar – Luto: Processo necessário quando se
perde um ente querido

16 Vida espiritual – Conhecer e permanecer no conhecimento
de Deus

18 Humor



12

Editorial



Neuber Oliveira

Luto. Quem já não passou por esta triste e dolorosa experiência?

Quando Deus criou o primeiro casal, Adão e Eva, e os colocou no jardim do Éden, o que Ele lhes deu foi vida e vida em abundância. Eles receberam o fôlego da vida e tinham bem junto a eles a Árvore da Vida. Definitivamente não fomos criados para a morte. Acredito que por este motivo temos uma dificuldade enorme de aceitar a morte e de lidar com os sentimentos que ela provoca.

Vivemos esta trágica dor bem recentemente no seio de duas famílias pastorais. Esposa e filhos que bruscamente ficaram sem seu querido marido e pai. Membros que ficaram sem seu pastor. Como ajudar? O que falar? O que fazer?

Nesta edição da revista AFAM abordamos este assunto e oferecemos, através de profissionais qualificados para isto, informações preciosas de como lidar com esta dor quando ela bater na nossa porta ou quando atingir pessoas com quem temos contato.

Acima de tudo, porém, o que deve nos alimentar diariamente é a doce esperança que temos de, em breve, rever nossos queridos e, com eles, passar toda a eternidade!

Que esta expectativa mova sua vida mesmo nos momentos de suprema dor.

16



Boa leitura! 🐼

Com carinho,

Wiliane Steiner Marroni

A *mulher* que me deste...

(Gênesis 3:12)

Numa coisa todos nós concordamos: Eva foi dada a Adão por Deus! Eva não foi um presente de grego para Adão. “Presente de grego” significa: dádiva ou oferta que traz prejuízo ou aborrecimento a quem a recebe. A história conta que “de acordo com a lenda associada à conquista de Tróia pela Grécia, na chamada Guerra de Tróia, um grande cavalo de madeira foi deixado junto às muralhas da cidade. O seu interior era oco e nele se esconderam alguns soldados gregos. Os troianos acreditaram que o cavalo seria um presente em sinal de rendição do exército inimigo e abriram os portões da cidade, levando-o para dentro das muralhas. Durante a noite, os guerreiros gregos deixaram o artefato e abriram os portões da cidade. O exército grego pôde assim entrar sem esforço em Tróia, conquistar a cidade, destruí-la e incendiá-la”.

Embora muitos possam pensar que Eva seja um “presente de grego” que Adão recebeu, sabemos não ser justo responsabilizar a Deus por qualquer atitude humana, tendo Ele concedido ao homem o livre arbítrio.

Ao abordarmos este tema não pretendemos condenar Eva e muito menos justificar qualquer atitude de Adão em face aos deslizes do casal advindos com a queda, mas pretendemos mostrar que apesar dos desencontros promovidos pelo pecado, o primeiro casal ministerial decidiu corrigir as rotas da vida juntos e se apoiarem mutuamente na graça e misericórdia divinas a fim de criar os filhos e trabalhar honestamente para o Senhor.

Gostaríamos de considerar também algumas perdas na vida desta “mulher”. Ela foi uma líder valente que soube administrar sua própria vida em tempos de crise em face ao trágico conflito universal. Como esposa do primeiro pastor desta terra, o casal teve por rebanho a primeira geração do planeta. Desejamos fazer algumas conjecturas com relação aos momentos mais cruciais da vida de Eva em decorrência das diversas mudanças que sofreu no transcurso da vida e ministério ao lado de seu esposo e comparar com as diversas mudanças que sofrem as modernas esposas de pastor no século XXI.

EVA TEVE QUE MUDAR SEU ESTILO DE VIDA – De uma vida de conforto onde as vestes correspondiam à própria glória de Deus para o desconfortável vestido feito de couro de carneiro.

ESPOSA DE PASTOR DO SÉCULO XXI – Muitas vezes também sofre com a perda do conforto pelas mudanças que geralmente acontecem no ministério adventista. Mudanças que exigem adaptação a um novo estilo de vida tendo que adequar roupas, calçados, escola dos filhos, cultura local, situação climática etc.

EVA TEVE QUE MUDAR SEU REGIME ALIMENTAR – De frutos frescos e sem qualquer contaminação, para alimentos cozidos e frutos higienizados em decorrência das pragas que agredem a natureza em um mundo caído.

ESPOSA DE PASTOR DO SÉCULO XXI – Também precisa se adaptar às novas opções de alimentos oferecidos em regiões onde às vezes as frutas e verduras, por exemplo, são raras, de alto custo e de baixa qualidade.

EVA PRECISOU MUDAR DE SEU ESPAÇO GEOGRÁFICO – De um confortável e belo jardim para um campo rude onde tudo ainda estava por desbravar e conquistar.

ESPOSA DE PASTOR DO SÉCULO XXI – Vive experiências de contrastes situacionais pelas transferências e chamados que a obra lhe faz. Serve a igreja em diferentes regiões do país e até do mundo. Sai de lugares confortáveis e “seguros” para lugares áridos com o mínimo de conforto.

EVA SOFREU MUDANÇAS NA CONDIÇÃO DE VIDA FÍSICA – De uma vida ilimitada e segura para uma vida incerta e de morte. De um corpo naturalmente belo e definido, para o definhamento e as rugas que marcam o envelhecimento. A primeira dama do planeta, bela e encantadora, teve que se render à força do tempo imposta pelo pecado.

ESPOSA DE PASTOR DO SÉCULO XXI – Também contempla suas rugas aparecerem precocemente por assimilar contextos de sofrimento do rebanho cujo

pastoreio ela é parte ativa. Batalhadora incansável no lar, na igreja e no campo, acaba sempre concluindo, diante de um espelho, que ninguém resiste à força do tempo e que o pecado continua cobrando um alto preço de todos nós.

EVA SOFREU MUDANÇAS NA CONDIÇÃO DE MÃE – Perda do convívio com dois de seus filhos. Um, morto por assassinato, e o outro, um assassino errante em terras estranhas e longínquas.

ESPOSA DE PASTOR DO SÉCULO XXI – Também convive com realidades semelhantes no sentido de que a inevitável síndrome do ninho vazio acaba sendo experimentada pela maioria. Em nosso contexto atual, os filhos saem muito cedo de casa para estudar, trabalhar e casar. Em alguns casos, por uma inversão na ordem natural das coisas, acidentes e fatalidades acabam ceifando suas vidas arrancando-os precocemente do convívio familiar.

AINDA EXISTE ESPERANÇA. Eva não usou sua dor como desculpa para rejeitar a Deus ou questioná-Lo, como havia feito no jardim. Ela também não permitiu que uma raiz de amargura brotasse em seu coração. Quando Deus lhe deu o filho Sete, ela expressou sua gratidão por essa nova vida. No final das contas, Eva tornou-se representante de uma forte líder: você, esposa de pastor. Assim como a esperança de uma nova vida foi apresentada a Eva através de seu filho Sete, hoje essa mesma certeza é dada a mulheres corajosas que estão prontas para aceitar as consequências de suas escolhas e dispostas a aprender com seus erros.

Particularmente não tenho dúvidas: Eva foi dada por Deus como o melhor presente que Adão recebeu. E você, que é esposa de pastor, seguramente é o melhor presente de Deus pra seu esposo. Sua presença é de um valor tão intenso que, às vezes me pego a pensar: O que seria de nós pastores e do nosso ministério, sem você? Lembre-se, Deus está no comando! 🙏

GILMAR ZAHN

PRESIDENTE DA UNIÃO NOROESTE BRASILEIRA



Para crianças

Uma História Real

Era o ano de 1993 e morávamos em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Nosso filho mais velho, que na época cursava a 2ª série na Escola Adventista da cidade, diariamente tomava o ônibus que o levava até as proximidades da Escola.

Certa manhã tive que sair cedo para resolver algumas coisas. E, como já estava na hora de ele tomar o seu ônibus para ir à escola, acabei decidindo que de lá onde eu estava iria tomar o mesmo ônibus para que pudéssemos ir juntos.

No momento de embarcar no ônibus em que eu sabia que estava o meu filho, algo surpreendente aconteceu. Simplesmente eu não conseguia subir os degraus do ônibus. Algo inexplicável me puxava para trás e eu teimava em subir, pois ali estava o meu filho de apenas oito anos. Não consegui entrar no ônibus de jeito nenhum. Sem entender o que estava acontecendo, subi muito triste, em outro ônibus. Enquanto subia os degraus, totalmente decepcionada, pensava: “Por que não consegui entrar no outro ônibus? Tenho certeza de que o Robinson estava lá”.

Nesse momento, para minha grande surpresa, escutei as palavras mais belas do mundo:

- Mamãe, Deus ouviu a minha oração!

Confusa respondi:

- Filho querido, o que é que você faz aqui? Você deveria estar no outro ônibus!

Com voz trêmula ele respondeu:

- É que eu tomei o ônibus errado e não tinha dinheiro para pagar outro que me levasse até a escola. Aí, sem saber o que fazer, eu pedi para que Deus me ajudasse. Ele respondeu a minha oração e mandou você aqui!

Demos um abraço bem apertado!

Nos momentos mais difíceis da sua vida, não tenha medo, simplesmente confie e tenha fé. Deus está sempre pronto a ajudar e amparar você.

Hoje meu filho Robinson é um pastor e está apressando e aguardando a volta de Jesus. 🙏

EDONIRA WERLICH TUPINO





“Senhor, dá-me um sonho”

“PORQUE EU, O SENHOR, TEU DEUS, TE TOMO PELA TUA MÃO DIREITA E TE DIGO: NÃO TEMAS, QUE EU TE AJUDO.” ISAÍAS 41:13

O ano era 1995. Iria acontecer o 1º Encontro do Ministério da Mulher da União Central Brasileira, em Serra Negra – SP. Muitos preparativos estavam sendo realizados, para que todos os campos participassem do evento, pois uma das convidadas especiais era Nancy Van Pelt, autora do livro “Felizes no Amor”, vinda dos Estados Unidos. Sem quase nenhuma motivação, fiz a minha inscrição para ir juntamente com outras irmãs de Goiânia para esse encontro.

Naquele período eu me encontrava totalmente indiferente ao trabalho ministerial que meu esposo desempenhava como pastor no Instituto Adventista Brasil Central (IABC). Tínhamos perdido nossa filha, vítima da doença “fibrose cística”, com apenas nove anos de idade. Foram nove anos de intensa dedicação ao tratamento, tanto hospitalar como fisioterápico para que a doença não progredisse rapidamente. Para nossa alegria vivemos momentos únicos e inesquecíveis.

Vivíamos um dia de cada vez, até que chegou a hora da sua partida, no hospital Golden Garden, em Brasília.

E agora? Meu mundo parecia ter desabado. Apesar de ela saber que tinha uma doença progressiva, incurável, crônica e fatal, era a menina mais feliz do mundo! Tinha a esperança da vida eterna!

Mas, o problema agora se encontrava em mim. Não, não se tratava de revolta. Eu apenas não tinha mais um objetivo para a minha vida. Encontrava-me indiferente. Parecia que todo o meu entusiasmo tinha sido levado à sepultura junto com a minha filha. Bem, assim mesmo, fui para aquele encontro.

Mais de três mil mulheres se faziam presentes. Em meio à multidão lá estava eu, perdida, sem nenhuma perspectiva quanto ao meu futuro.

Chegou o sábado de manhã e depois de alguns seminários, veio o momento da mensagem espiritual que seria apresentada pelo pastor Tércio Sarli. Ele iniciou seu sermão com um poema de Catherine Marshall intitulado “Senhor, dá-me um sonho”. O que eu não sabia era que o Espírito Santo tinha guiado a mente do pastor Tércio para que começasse a sua mensagem com esse poema, porque ali estava uma mulher que precisava ardentemente de uma esperança, de um objetivo, de um novo sonho para viver. Naquele momento senti Deus falando ao meu coração. Entre soluços, minha alma gritava, enquanto o poema continuava... “onde estão os teus sonhos para a minha vida, Senhor? Não tenho nenhum horizonte mais a chamar-me... Por favor, coloca um novo sonho em minha vida, Senhor”.

Naquele momento, um milagre aconteceu. Comecei a visualizar as necessidades físicas, morais e espirituais das mulheres e crianças do nosso distrito. Vi, pelos olhos da fé, o quanto eu tinha a fazer. Percebi o quanto Deus me amava e o quanto Ele esperava algo de mim. Senti Sua doce promessa de que nunca me deixaria sozinha, mas que me tomaria constantemente pela mão e me ajudaria em todos os momentos da minha vida.

Desde aquela época, novembro de 1995, até hoje, vivo em prol dos objetivos e sonhos que Deus a cada dia coloca em meu coração.

Se você, querida amiga, perdeu também um dia os seus sonhos e esperanças, lembre-se de que Deus quer colocar os sonhos Dele em seu coração. Apenas permita que Ele lhe conceda esta graça.

Escolhida para *servir*

“Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei...” Jeremias 1:5

Nasci em um lar muito humilde, em uma colônia que aparentemente não oferecia grandes chances de futuro. Meus pais se batizaram quando eu estava com 6 anos. Desde então começamos a participar ativamente na igreja.

Os anos passaram e fomos crescendo. Foram crescendo também as preocupações dos meus pais pelos filhos, especialmente por mim, que sou a mais velha de quatro filhas. Meus pais oram sempre por mim, pelo meu futuro, para que eu seja uma boa cristã, uma melhor estudante, esposa e mãe.

A vida no campo não é fácil especialmente para os que querem uma vida melhor. As condições são limitadas, por isso, quando terminei a Escola Primária tive que deixar aquele lugar para seguir meus estudos secundários. Fomos convidados a abrir a obra em uma cidade onde não havia presença adventista. Graças a Deus, meus pais, que têm um espírito muito missionário, abraçaram este ministério com tanta força que todos estivemos envolvidos ali.

Quando completei 15 anos decidi colportar. Nesse período tive experiências maravilhosas e aprendi a depender mais de Deus. Daí em diante segui colportando, e foi em uma dessas oportunidades que conheci meu esposo, éramos colportores estudantes. Eu nem sequer imaginava que viria a ser esposa de pastor. Eu as admirava muito, achava que eram muito preparadas e que eu jamais teria condições de ser como elas.

O tempo passou, casei e fomos chamados para trabalhar na obra pastoral no país de meu esposo. Um grande desafio foi a mudança de ambiente e cultura, mas sem dúvida Deus nos abençoou muito e temos lindas experiências dos lugares pelos quais passamos. Há dois anos fomos chamados para o meu país e seguimos servindo a Deus na obra pastoral.

Atualmente pastoreamos a igreja onde nasci e cresci, local em que jamais tinha imaginado que um dia iria trabalhar.

Desde que aceitamos o chamado de Deus como discípulos de Cristo decidimos deixar nossa terra com dois objetivos: pregar o evangelho e buscar uma boa educação. Tivemos experiências extraordinárias tanto na evangelização como na colportagem. Mudamos para diferentes cidades durante 13 anos, e fomos fortalecendo nossa fé,

já que, como Abraão e sua família não sabíamos para onde Deus estava nos levando.

No caso dos meus pais também sentimos Deus dirigindo. Eles não tinham uma casa, viviam de aluguel, e tiveram problemas com custos, mudanças repentinas, tudo era incômodo. Nestas situações adversas minha mãe intensificava suas orações por uma casa própria, porém não havia dinheiro, somente fé.

Foi em uma sexta-feira à tarde que a dona da casa alugada para os meus pais pediu que eles saíssem. Minha mãe orou fervorosamente reclamando as promessas de Deus. Soubemos o que estava acontecendo e ficamos muito tristes. Minha irmã Fabiana foi tocada por Deus e decidi visitar-los para levar a boa notícia de que estava disposta a comprar uma casa para eles.

Naquela mesma tarde minha irmã viajou com minha mãe, compraram uma casa nova e, em uma semana meus pais receberam a casa de presente. Que emoção saber que Deus havia preparado um presente desses para eles: uma casa. Nosso Deus está sempre querendo nos surpreender. Ele somente espera que avancemos pela fé com a certeza de Suas bênçãos. Por diversas vezes comprovamos que Nosso Criador nos separou para estarmos em suas fileiras com o único propósito de mostrar ao mundo que Ele nunca abandona Seus filhos. Hoje temos o privilégio de saber que Deus cumpre Suas promessas.

Deus conhecia meu futuro, tinha um plano para mim como esposa e companheira de um servo Dele. Ele nos quer em Sua obra. Ele nos dá a bênção de sermos amigas, companheiras e apoiadoras incondicionais de nossos esposos.

Querida amiga, Deus tinha tudo planejado para sua vida, por isso disse: “Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei”. Quem sabe muitas vezes você pergunte, quando em meio a lutas e dificuldades, se realmente Deus tem planos para a sua vida. Nesses momentos, lembre-se de que o Criador a escolheu para um serviço especial.

Siga avante, com segurança, até a volta de Jesus! 

FANNY BENÍTEZ DE GARCÍA É ESPOSA DE
PASTOR NA UNIÃO PARAGUAIA, DISTRITO NORTE.



A mais dolorosa das perdas

Aprendemos nas aulas de biologia que o ciclo natural da vida é: nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer. Assim acontece com plantas, animais e conosco – seres humanos. Apesar de ser considerado um ciclo “natural”, lidar com a morte não é algo tão natural assim.

Se lidar com o envelhecimento, para alguns, já é motivo de grande sofrimento, lidar com a morte é algo ainda mais doloroso. No intuito de aliviar essa dor, muitas teorias foram construídas, como a ideia de que os entes queridos quando morrem viram estrelas, ou se tornam anjos; que estão no céu cuidando de nós, ou que reencarnam em alguma forma de vida e voltam a habitar a Terra.

O luto é um quadro clínico desenvolvido em reação à morte de um ente querido. Possui alguns sintomas parecidos com os da depressão, como o sentimento de tristeza, insônia e perda do apetite. Os sintomas do luto são de ordem cognitiva (como preocupação e alucinações), emocional (como tristeza, culpa, ansiedade e solidão) e comportamental (como isolamento social, evitar ou portar objetos que pertenciam à pessoa que morreu, choro e hiperatividade), e a pessoa enlutada pode se tornar mais vulnerável ao desenvolvimento de doenças.

É comum que pessoas que convivem com o enlutado empreguem esforços para tirá-lo do estado de tristeza, e façam algum tipo de pressão para que ele “reaja”. Não há problema em chorar, sentir saudade, sofrer e não querer fazer algumas coisas por alguns dias. Na verdade, é bom que a pessoa tenha tempo para viver o luto, organizar mentalmente a despedida do ente querido e reorganizar sua vida consciente da ausência de alguém que antes estava ali.

O período do luto é delicado, e acredito que a maior parte das pessoas que o experimentam não se preparam para isso. Além disso, cada luto vivido tem um significado único, e não é porque a pessoa já o experimentou algumas vezes que ela sabe melhor como passar por essa fase de dor.

Seguem, abaixo, importantes dicas práticas que podem nos ajudar a estar menos vulneráveis aos problemas cognitivos, emocionais e comportamentais que muitas vezes acompanham o período de luto:

DESENVOLVA RELAÇÕES MAIS INDEPENDENTES. Muitas pessoas, ao perderem o ente querido, perdem também a direção que estavam seguindo na vida. Acostumaram-se

a ser tão dependentes do outro que não possuem habilidades para continuar sua vida sem a presença daquele que faleceu. Quando somos menos dependentes na relação, sofremos também com a morte de quem amamos, mas temos mais condições de dar continuidade à vida.

APROVEITE CADA SEGUNDO DA PRESENÇA DE QUEM VOCÊ AMA. É comum que algumas pessoas sintam arrependimento ou culpa diante da perda de um querido. Talvez você já tenha visto pessoas chorando desesperadamente sobre um caixão, pedindo perdão a alguém que, sem vida, não é capaz de lhe perdoar. Quando aproveitamos cada segundo da presença do outro, vivendo momentos felizes e difíceis, mas com amor, sinceridade, demonstração de afeto e respeito, podemos nos despedir de forma menos angustiante e continuar a vida tendo em mente as boas lembranças ao invés da dor da culpa.

INVISTA EM SUA REDE DE RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS. Algumas pessoas possuem poucos amigos, ou restringem sua rede de relacionamentos íntimos aos pais, cônjuge e filhos. Os relacionamentos íntimos são uma importante fonte de apoio em diversas situações, inclusive num contexto de luto. Ao ampliarmos essa rede de relacionamentos, nos tornamos apoio de um número maior de pessoas, e podemos também contar com um número maior de pessoas quando enfrentarmos uma situação tão delicada como a perda de um ente querido.

ACREDITE REALMENTE NA ESPERANÇA QUE VOCÊ PREGA. Você é uma esposa de pastor, que ensina às pessoas que a morte é apenas um sono. Você realmente acredita nisso? Nossas crenças afetam o modo como reagimos às diferentes situações da vida, inclusive à morte. Se suas crenças sobre a morte lhe fornecem esperança, você terá essa esperança a seu favor no momento do luto.

Se você está vivendo o luto, acredita que poderia experimentar essa fase de outro modo, mas não sabe como fazer, procure um profissional. Ele poderá avaliar o que está acontecendo com você e lhe ajudar a viver esse momento. 🙏

Nutrição



Salada de Fusilli à Florentina

Ingredientes:

400g de macarrão tipo Fusilli
4 corações de alcachofra cozidos
2 pimentões picados e marinados
1/2 kg de espinafre cozido e escorrido
100g de queijo fresco orgânico ou tofu ralado
2 abacates firmes em cubos
12 ovos de codorna cozidos
2 folhas de louro

Modo de Fazer:

Cozinhe o macarrão com água, sal e as folhas de louro até que esteja ao dente. Coe e passe por água fria, escorra, coloque um pouco de azeite e reserve. Pique o espinafre em uma tigela e misture-o com o macarrão, o pimentão marinado, a alcachofra picada em tirinhas e verifique o tempero. Arrume a mistura em um prato, coloque o queijo ralado no centro, decore com o abacate em cubos e os ovos de codorna cortados ao meio e colocados em volta do queijo.

Bocadinhos de Maçã

Ingredientes:

1 maçã ralada no ralo grosso
100g de nozes
50g de passas lavadas e deixadas de molho
Coco ralado
Canela em pó

Modo de fazer:

Bata as nozes no liquidificador para triturá-las, junte as passas e a maçã, enrole pequenos bocadinhos na forma que desejar e polvilhe com canela e coco ralado. Coloque no congelador por alguns minutos para que tome consistência e sirva.



Ajudando crianças a *enfrentar* a morte

Um dos momentos mais desafiadores do trabalho com pequenos é quando se torna necessário lidar com a criança que está enfrentando a perda pela morte de um ente querido. Se, para o adulto, este momento é severo, o que dizer da criança? Uma grande dificuldade é que os próprios adultos, além de estarem enfrentando luto e dor, não compreendem como esta situação será vista e compreendida pela criança e também não sabem como agir neste momento.

OS PRINCIPAIS QUESTIONAMENTOS SÃO:

- Devemos compartilhar ou não com a criança a notícia da pessoa que morreu?
- Qual o momento de contar?
- Como contar?
- Como a criança reagirá e como responder às suas perguntas?
- Como agir com a criança nos dias, semanas e meses seguintes à perda?

Muitos preferem omitir a realidade da morte para a criança na falsa esperança de não provocarem sofrimento desnecessário. E, como não sabem como a criança reagirá, preferem calar-se a respeito do ocorrido. Segundo Célia Ferreira, doutora em Psicologia e coordenadora do Serviço de Psicologia do Departamento de Saúde Mental e Medicina Legal da Faculdade de Medicina/UFG: “Pais e outros adultos não devem excluir as crianças da experiência de perda como forma de poupá-las. Tal atitude poderá bloquear o processo de luto. Cada pessoa, cada criança vivenciará seu luto de muitas e variadas maneiras. O primeiro passo para a elaboração do luto é a aceitação que a morte se deu”.¹

A psicopedagoga Marilene Ferreira Pitta ainda contribui, afirmando que “amparar e esconder o processo da perda na família é péssimo! Há algo no ar que não se fala, que não se diz; e a criança vai aprendendo através desse modelo a se calar e reprimir as suas emoções”.²

O fato é que a estratégia da negação ou omissão da morte de um ente querido não durará muito tempo,

pois a criança começará a sentir falta do indivíduo e, em algum momento, a verdade virá à tona. Caso fique constatado pela criança que mentiram para ela, perderá a confiança e buscará respostas em outra pessoa na qual sinta segurança. “Poupar as crianças da morte ou do conceito de morte achando que são muito pequenas para entender não é o ideal para que cresçam sem medo”³ é o consenso de especialistas.

Após o sepultamento, muitos ainda preferem utilizar o silêncio sobre o tema da morte com a criança, também temendo suscitar maior sofrimento. Evidentemente, não se deve fazer deste assunto o tema de todas as conversas, mas o silêncio pode gerar mais dor e sofrimento aos pequeninos, pois eles possuem muitas dúvidas a respeito da morte.

Segundo a psicóloga Maria Cristina Capobianco:⁴ “Se não damos à criança a chance de falar, expressar sua curiosidade, estamos deixando-a só com seus receios e fantasias. Esta solidão e falta de informação objetiva pode despertar um maior sofrimento”.

É importante a não utilização de clichês como: “a mamãe está dormindo”; “Deus levou a vovó”; “o titio descansou”.

Isto geralmente causa confusão na cabeça das crianças que ainda não conseguem compreender o significado simbólico das palavras. Elas acreditam em tudo da maneira como lhes é transmitido. “Evite falar que a pessoa dormiu para sempre ou descansou, a criança que leva tudo ao ‘pé da letra’ pode ficar com medo na hora de dormir ou achar que a pessoa que morreu acordará. A expressão ‘foi fazer uma longa viagem’ ou ‘foi embora’ também pode confundir a criança e levá-la a acreditar que todos aqueles que farão uma viagem nunca mais voltarão ou então que a pessoa morta poderá voltar um dia”.⁵ Bromberg confirma este pensamento ao fazer a seguinte declaração: “Ao se comunicar com uma criança sobre a morte de alguém, o uso de certas expressões pode confundi-la. Expressões como ‘afinal, descansou’ pode levar a criança a pensar que se a pessoa dormir e descansar poderá voltar”.⁶ 



COMO AJUDAR?⁷

- Busque sabedoria e discernimento em Deus para lidar com a criança. Ore por ela e por sua família;
- Seja calmo e paciente com a criança;
- Ajude os pais ou familiares sobre como procederem com a criança (ofereça as informações contidas neste material);
- Oriente os pais ou familiares sobre as maneiras possíveis de a criança reagir à morte;
- Ofereça um refúgio no qual a criança poderá encontrar calma, estabilidade e segurança;
- Escute quando a criança estiver preparada para falar. Não faça interrupções. Não a force a falar detalhes desnecessários ou que ela não deseje mencionar;
- Respeite a maneira como a criança está reagindo à perda;
- Não critique a criança, seus sentimentos ou sua reação;
- Ajude-a a compreender o processo do luto;
- Ofereça respostas compreensíveis à criança, no nível em que seu estágio de desenvolvimento lhe permita.

WÉLIDA DANCINI É ESPOSA DE PASTOR, PSICÓLOGA,
CONSULTORA ORGANIZACIONAL E PALESTRANTE.

¹ TEIXEIRA, C. M. F. S. A criança diante da morte. Revista da UFG, Vol. 5, No. 2, dez 2003.

² Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=71>. Acessado em 22/07/2010.

³ Disponível em: http://guiadobebe.uol.com.br/bb3a4/como_informar_a_morte_a_uma_crianca.htm. Acessado em 22/07/2010.

⁴ Disponível em: <http://www.toquefeminino.com.br/v2/comportamento/383-a-crianca-e-seu-processo-de-compreensao-da-morte>. Acessado em 22/07/2010.

⁵ Disponível em: http://guiadobebe.uol.com.br/bb3a4/como_informar_a_morte_a_uma_crianca.htm. Acessado em 22/07/2010.

⁶ TEIXEIRA, C. M. F. S. A criança diante da morte. Revista da UFG, Vol. 5, No. 2, dez 2003.

⁷ Sugestões extraídas e adaptadas de Noelene Johnson, MCA: *Idéias e Técnicas que Funcionam* (Gráfica da União Central Brasileira, 2.000), 167.

Luto

Processo necessário quando se perde um ente querido



O impacto provocado sobre o indivíduo ou família devido à morte de um ente querido é um dos acontecimentos mais estressantes da vida, gera profundo efeito emocional, cria uma crise, todo o sistema se desorganiza e se desestrutura, tentando adaptar-se ao evento traumático da dor e do sofrimento que recebe o nome de luto.

Cada um dos membros da família irá reagir de forma diferente. Essas diferenças individuais devem ser respeitadas, visto que a gama de emoções nem sempre segue uma ordem cronológica, mas

aparece e some a partir do estado de choque ou estupor (primeira etapa), para um estado de desconhecimento, desespero, ações automáticas, incapacidade de aceitar a realidade e negação do fato. Ocorre também um estado de raiva ou de agressividade, sentir-se culpado por estar vivo, acusar a si mesmo: se eu estivesse lá; se tivesse feito isso ou aquilo, (segunda etapa) com sentimento de injustiça, desamparo e confusão. Depois vem o estado da desorganização ou de desesperança (terceira etapa), e então começamos a tomar consciência

de que nosso ente querido não mais estará entre nós, e assim ocorrem a tristeza apática, nostalgia, desinteresse ou até mesmo uma tendência ao abandono, até a instrumentação de certos mecanismos de autocontrole que permitem à pessoa superar o fato que lhe causou tanta dor (quarta etapa).

Depois de passar por todas essas sensações de dor, a vida já não voltará a ser a mesma porque a perda de um ente querido deixa um vazio que nada pode preencher. Nosso objetivo é analisar algumas situações que ocorrem nesse processo e como podemos acompanhar os enlutados, reconstruindo-lhes a existência com novo significado.

Toda essa gama de emoções e de sentimentos que ocorre nesse processo é normal e previsível em uma situação de perda. A aflição e a dor são intensas. Essa dor pode ser expressa de forma física: chorar, sentir dor no peito, transtornos intestinais, perda do apetite, problemas com o sono, etc.; e de forma emocional e psicológica: tristeza, ataques de ansiedade, fadiga crônica, depressão, pensamentos suicidas, etc.

Não é fácil seguir adiante depois da morte de um ente querido. A dor diminui com o tempo e isso terá que ser aceito como um processo natural. É importante não esconder as emoções e não negar a realidade.

O luto é pessoal e pode durar meses ou anos, dependendo da capacidade de elaboração da pessoa e da família de superar a dor. A finalidade do luto é dar expressão e manter os sentimentos sãos, abrandar o sofrimento, dominar a dor da separação, aceitar a morte e amar o falecido com uma nova linguagem do amor. Nesse processo é preciso encontrar novo significado para a vida.

Para concluir o processo de cura deve-se passar por todas as etapas já mencionadas. Poderá haver dias melhores ou piores e, às vezes, o sentimento que se imaginava estar superado volta a se manifestar.

Eu já perdi alguns entes queridos como meus pais, alguns amigos próximos e, como psicólogo profissional, acompanhei muitos de meus pacientes nesse processo.

Ao escrever este artigo, não posso deixar de lembrar do ocorrido em Buenos Aires, quando acompanhei uma família amiga que perdera seu filho mais velho. Era uma linda família cristã com três filhos,

dois homens e uma mulher que ajudavam o pai nos negócios da família que passava por um momento de prosperidade. Certo dia, quando a filha estava na porta da empresa, dois rapazes a assaltaram e o irmão mais velho, que fazia caratê, tentou defendê-la. Um dos assaltantes disparou dois tiros contra o peito do rapaz, que morreu na hora.

O que fazer? Como avisar o pai que voltava de uma viagem? Como dar a notícia ao filho, de sete anos, de que seu pai não mais estaria entre eles? Esses foram os momentos de maior desestruturação no sistema daquela família. Somente a sabedoria divina para dar prudência diante de emoções tão fortes.

Cada membro da família reagiu e manifestou a dor pela perda de forma diferente. Nesse momento aparecem as perguntas e os porquês - processos previsíveis diante de uma tragédia dessa magnitude, a despeito de nossa religiosidade, fé e crença. Senhor, onde estavas que não protegeste meu filho? Senhor, por que permitiste? O que queres de mim? Perguntas sem respostas. É aqui que surge a luta entre a desesperança da dor e a esperança do reencontro na manhã da ressurreição.

A despeito da dor e da amargura pelo fato, meu amigo e sua família focaram sua confiança em Deus e disseram como Jó em seu sofrimento: “Porque eu sei que o meu Redentor vive [...]” (Jó 19:25)

Encontrar forças nesse momento de tanta amargura requer fé e confiança muito especiais que não podem ser construídas da noite para o dia. É o desenvolvimento da virtude da transcendência na ligação com o Superior, que faz com que as preocupações e os problemas sejam enfrentados com coragem, persistência, integridade, moderação e esperança, inspirando-nos a manter a vida com sentido, a despeito da dor que sentimos.

A tarefa daqueles que acompanham esse processo é favorecer o pensamento no futuro e minimizar o permanecer no passado e na nostalgia. 🐾

DR. JOSÉ ENRIQUE MUÑOZ OLIVARES
PH.D. PSICÓLOGO, MESTRE EM SAÚDE PÚBLICA. É
TERAPEUTA DE FAMÍLIA, DOCENTE E DIRETOR DO CURSO
DE PSICOLOGIA DA UNACH.



Conhecer e *permanecer* no conhecimento de Deus

“CONHEÇAMOS E PROSSIGAMOS EM CONHECER AO SENHOR; COMO A ALVA, SUA VINDA E CERTA; E ELE DESCERÁ SOBRE NÓS COMO A CHUVA, COMO CHUVA SERÔDIA QUE REGA A TERRA.” OSÉIAS 6:3

Prosseguir em conhecer ao Senhor e permanecer nesta experiência significa mais que um conhecimento superficial de Deus; trata-se de uma amizade que fica cada dia mais profunda com Ele. Tão certo como o dia segue a noite, o descobrimento e o conhecimento deste maravilhoso Deus aparece em todo aquele que, sinceramente, busca encontrá-Lo, gerando uma motivação e encanto muito especiais. E tendo encontrado e aprendido sobre este Deus passamos a apreciar Seu caráter, desejamos conhecê-Lo melhor e cada vez mais, ter Sua vida reproduzida na nossa vida. Esta é a experiência de toda esposa de pastor que vive a verdadeira experiência da salvação.

João escreveu: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” João 17:3

Aqui João define a vida eterna como conhecer a Deus. Queremos destacar desta definição a palavra “conhecer” e, em seguida, analisaremos três princípios fundamentais da experiência de conhecer a Deus.

PRINCÍPIO 1:

O conhecimento de Deus tem relação direta com uma experiência diária, ou seja, a experiência de um dia.

A Palavra de Deus declara, em II Cor. 6:2: “Porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação”.

A ideia de Paulo é avisar-nos que hoje é o grande dia da nossa vida, porque hoje, somente hoje, é o dia da nossa salvação.

COMO ENTENDER ISSO?

Imagine que uma esposa de pastor é mãe de um filho de 12 anos que está doente, internado em um hospital. Hoje essa mulher tem uma agenda cheia de compromissos importantes, coisas que somente ela poderia resolver. Porém, no início do dia, recebeu uma ligação do hospital avisando que seu filho está muito mal, que possivelmente este seja seu último dia de vida. Que fará essa mãe? Ela vai ou não vai mudar a sua agenda para esse dia?

Se eu fosse essa mãe, mudaria totalmente minha agenda; as “coisas” necessárias e importantes para esse dia passariam para um segundo plano, meu enfoque estaria colocado na pessoa do meu filho, porque eu só o teria por hoje, e se tudo o que tenho é hoje para viver com meu filho, viveria esse dia colocando toda a minha atenção e prioridade nele. Isto significa um compromisso de estar e permanecer perto, o mais perto possível do foco da minha prioridade e amor.

Quando a Palavra de Deus declara que hoje é o dia de salvação, Deus está querendo dizer para nós: Filho, tudo o que você tem é hoje, amanhã não existe para você; não coloque seu foco, sua prioridade nas “coisas desta terra”, o enfoque, a prioridade de sua vida, hoje, tem que estar em mim. Vivamos intensamente hoje, um com o outro, fica comigo, pois eu também quero desfrutar da sua companhia.

Vivamos intimamente, intensamente, como se hoje fosse o último dia, porque nesta terra de pecado, mais cedo ou mais tarde, poderá ser o último dia.

Este deveria ser o foco de todo cristão e principalmente daquela que foi escolhida por Deus para desenvolver um poderoso ministério como esposa de pastor.

PRINCÍPIO 2:

O segundo princípio está relacionado a primeira condição para que um ser humano possa conhecer a Deus. A condição é “querer”, uma das palavras chaves nesta experiência.

O conhecimento de Deus passa primeiro por minha vontade. Eu tenho que querer; se não quero, jamais vou ter o privilégio de conhecer a Deus. Por quê? Primeiro, porque o conhecimento de Deus não é uma imposição ou obrigação dEle para com o homem. É um presente, presente que se efetiva em minha decisão e aceitação. Segundo, Deus respeita minha individualidade, meu livre arbítrio. Ele espera que todo ser humano faça uso de sua individualidade, de sua inteligência para escolher o que há de mais extraordinário na terra, a experiência de conhecer a Deus.

PRINCÍPIO 3:

O terceiro princípio trata da segunda condição para conhecer a Deus.

Todo aquele que quer algo, busca, e na experiência espiritual não é diferente. Portanto, buscar é a segunda condição.

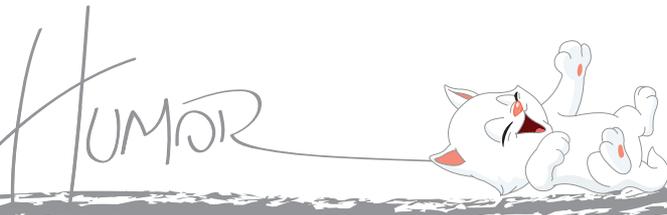
Como saber se alguém realmente quer conhecer a Deus? Uma das formas é mediante sua atitude de busca. Então, como alguém pode buscar conhecer a Deus? Primeiro, através de uma vida de oração; segundo, mediante o estudo da Bíblia; e terceiro: levando uma vida de obediência à Santa Palavra de Deus.

Ao finalizar este artigo, esperamos que você, querida esposa de pastor, jamais esqueça que conhecer e permanecer no conhecimento do Senhor significa mais que um conhecimento superficial de Deus, é uma amizade que se aprofunda cada dia mais com Ele. Uma amizade que impacta todas as demais áreas da vida.

Que a motivação e o encanto especial que gera o ato de buscar a Deus, tenha seu total desenvolvimento na vida ao desfrutar da singular experiência de ser o canal de bênção humano mais direto na vida do pastor. 🙏

Maranata!

PR. DOMINGOS JOSÉ DE SOUSA
PRESIDENTE DA UNIÃO CENTRAL BRASILEIRA



SERENATA SINISTRA

Em uma pequena cidade havia uma irmã muito dedicada ao trabalho da igreja. Um dia, desejosa de levar a mensagem à comunidade, resolveu fazer uma serenata. Reuniu algumas pessoas que ajudariam nas músicas, porém, não conseguiu carros suficientes para levar o grupo. Com pena da irmã que havia conseguido apenas um carro, um irmão que era dono de uma funerária, ofereceu-se para ajudar no transporte do grupo. Empolgada e sem pensar muito, a irmã aceitou muito feliz. Ao chegar aos locais das serenatas, estacionavam o carro na frente da casa e cantavam alguns hinos até a pessoa abrir a porta. Quando isso acontecia a cena era esta: um carro fúnebre estacionado na calçada e um grupo animado cantando: “Não tardará”!

PREGADOR CONFUSO

Um pregador falava animado: “...e Jesus tendo entrado na cidade de Jerusalém, olhou para cima da árvore e disse: ‘Mateus desce depressa...’”, porém, um irmão que estava atento às palavras do pregador, cochichou para ele dizendo: “Pregador, não é Mateus, é Zaqueu”. E o pregador concluiu: “Mateus desce depressa, pois essa árvore pertence à Zaqueu”.



2012 ano da GRANDE ESPERANÇA



Edição internacional com mais de 160 milhões de exemplares

1. Reavivamento e Reforma

Promova os momentos de oração. Motive as mulheres ao reavivamento, reforma e intercessão pelos amigos.

2. Distribuição do livro “A Grande Esperança”

Aproveite toda a oportunidade para dar aos amigos com o livro missionário “A Grande Esperança”.

3. Evangelismo via satélite e web de 17-24 de Novembro

Estimule as amigas de oração para que se envolvam no evangelismo com o Pr. Alejandro Bullón.

4. Plantio de novas igrejas

Mobilize as mulheres na implantação de uma nova congregação em 2012.

1. Reavivamiento y Reforma

Promueva los momentos de oración. Incentive a las mujeres al reavivamiento, reforma e intercesión por los amigos.

2. Distribución del libro *La Gran Esperanza*

Aproveche toda oportunidad para obsequiarle a sus amigos el libro misionero *La Gran Esperanza*.

3. Evangelismo via satélite, 03 a 10 de noviembre

Estimule a su grupo de oración a involucrarse en el evangelismo con el Pr. Alejandro Bullón.

4. Plantación de iglesias

Incentive a las mujeres en la plantación de una nueva congregación en el 2012.

www.esperanca.com.br

Materiais e informações: portaladventista.org

